



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Ernesto Kroch e a memória do exílio: entre Uruguai e Alemanha (1934-1984)¹

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.49980>

Marion Brepohl

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil. E-mail: mbrepohl@yahoo.com.br

Palavras-chave: memórias; biografia; ditadura; exílio.	Ernesto Kroch e a memória do exílio: entre Uruguai e Alemanha (1934-1984) Resumo: Ernesto Kroch (1917-2012) foi um ativista político judeu-alemão que se exilou no Uruguai a partir de 1938, logo após ter sido preso no campo de concentração de Lichtenburg pelos nazistas. Desde sua chegada, trabalhou como metalúrgico e atuou no Partido Comunista. Em virtude do golpe civil-militar de 1973, Kroch retoma atividades de resistente até 1982, quando se vê obrigado a deixar sua segunda pátria e retornar, ainda que por apenas quatro anos, à Alemanha, onde buscou refúgio político. Em 1985, regressa ao Uruguai e volta a trabalhar como metalúrgico e como tradutor. Em 2004, redige suas memórias, livro publicado primeiramente em Frankfurt (<i>Exil in der Heimat – heim ins Exil</i>) e depois, no Uruguai (<i>Patria em el exilio, exilio en la pátria; recuerdos de Europa y Latinoamérica</i>), texto que inspira o presente artigo. Nosso objetivo é analisar como as duas experiências de exílio conformaram sua identidade a partir de sua autobiografia, que é uma leitura de si, mas também a construção de uma memória e a busca por reconhecimento.
Key words: memories, biography, dictatorship, exile.	Ernesto Kroch and the memory of exile: between Uruguay and Argentina (1934-1984) Abstract: Ernesto Kroch (1917-2012) was a German Jewish political activist who went into exile in Uruguay in 1938, after being held prisoner in the Nazi concentration camp of Lichtenburg. From the time of his arrival in that South American nation, Kroch became a metalworker and member of the Communist Party. In the face of the civil-military coup that took place there in 1973, Kroch returned to resistance activities, which he continued until 1982, when he was obliged to leave his second homeland and seek political asylum in his native Germany. In 1985 he went back to Uruguay and took up activities as metalworker and translator. In 2004, he set to the task of writing a memoir, a book that was published first in Frankfurt (<i>Exil in der Heimat – heim ins Exil</i>) and later in Uruguay (<i>Patria en el exilio, exilio en la pátria; recuerdos de Europa y Latinoamérica</i> or <i>Homeland in Exile, Exile in the Homeland</i>), the text that inspires the present article. My intention here is use his autobiography to analyze how both experiences of exile shaped his identity. He provides us with a text that can be understood, on the one hand, as a reading of self, and on the other, as a construction of memory and quest for recognition.
Palabras clave: memorias; biografía; dictadura; exilio.	Ernesto Kroch y la memoria del exilio: entre Uruguay y Alemania (1934-1984) Resumen: Ernesto Kroch (1917-2012) fue un activista político judío-alemán quien se exilió en Uruguay desde el año 1938 poco después de ser prisionero en el campo de concentración de Lichtenburg por los nazistas. Desde su llegada trabajó como metalúrgico y sirvió en el Partido Comunista. Debido al golpe cívico-militar de 1973, Kroch reanuda actividades de resistencia hasta 1982, cuando es forzado a abandonar su segunda patria y regresar incluso por solo cuatro años a Alemania, donde buscó refugio político. En 1985, regresó a Uruguay y volvió a trabajar como metalúrgico y traductor. En 2004, escribe sus memorias, libro publicado por primera vez en Fráncfort (<i>Exil in der Heimat – heim ins Exil</i>) y después, en Uruguay (<i>Patria en el exilio, exilio en la pátria; recuerdos de Europa y Latinoamérica</i>), texto inspirador de este artículo. Nuestro objetivo es analizar como las dos experiencias del exilio arreglaran su identidad autobiográfica, que es una lectura de si mismo, pero también la construcción de una memoria y la búsqueda del reconocimiento.
Artigo recebido em: 16/09/2019. Aprovado em: 29/09/2019.	

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada nas IV Jornadas de Trabajo Exilios Políticos, em Bahia Blanca, Argentina (2018).

O objetivo do artigo é analisar alguns aspectos das memórias de Ernesto Kroch, judeu-alemão que sofreu duas vezes a experiência do exílio, a primeira, em virtude de sua resistência à Alemanha nacional-socialista, tendo se refugiado no Uruguai, e a segunda, em virtude da ditadura uruguaia, devido à sua militância de esquerda. Nesta segunda vez, refugiou-se na Alemanha, sua pátria de origem, a qual deixou tão logo lhe foi possível retornar ao Uruguai. Como procurarei sugerir, seu refúgio mais seguro acabou sendo a militância política, a que se dedicou até o final de sua vida. Mas também a cultura de origem, a partir da qual o idioma e o resgate da tradição humanista operaram nele uma reconciliação com o passado.

Antes de discutirmos o tema do exílio, experiência central de nosso protagonista, tracemos uma pequena retrospectiva de sua vida: Ernesto Kroch nasceu em Breslau, Alemanha, em 1917, e faleceu em 2012 no Uruguai. Filho de pequeno-burgueses, teve dois irmãos e, apesar de uma infância e adolescência tranquilas, não logrou, por restrições financeiras de seus familiares, realizar estudos universitários. Realizou um curso prático em mecânica e empregou-se na Fábrica Smoschwer & Co, como técnico em caldeiras a vapor.

Pertenceu à Associação Juvenil *Os Camaradas*, um tipo de entidade razoavelmente comum na Alemanha daquela conjuntura, que visava promover o convívio e o lazer de adolescentes, estimulando o hábito

de leitura, os esportes, pequenas viagens em grupo, discussões informais. Estas atividades lhes abriram as portas para a vida adulta, em suas próprias palavras, de um “ingênuo egocentrismo à responsabilidade social” (KROCH, 1977, p. 34). Tal experiência foi decisiva para suas escolhas políticas, sendo a primeira delas, a resistência ao fascismo.

A crise por que passava a Alemanha provocou também crises de identidade, principalmente entre as pessoas de origem judaica, como era o caso da família Kroch. Por tais discriminações, a Associação *Os camaradas* se dissolveu, mas a partir dela, segundo o autor, organizaram-se três grupos com as seguintes tendências:

La primera, sionista, considerava que la solución pasaba por la emigración a Palestina, sumándose al movimiento de los Kibbuzim. Su espíritu pionero podía considerarse como una continuación de los ideales del movimiento juvenil. Esta nueva asociación se llamó “Trabajadores”. La segunda, una tendencia nacionalista-alemana, estaba dispuesta a seguir la corriente del ultranacionalismo. Pero como estar dispuestos no era todo, la asociación “Bandera negra”, rechazada y prohibida por los nazis que llegarían enseguida al poder, tuvo que disolverse, ya que el antisemitismo nazi era mayor que su nacionalismo.

La tercera tendencia se dirigía hacia la izquierda. La “Juventud judeo-alemana libre (FDJJ) veía en la lucha común junto con los movimientos y partidos socialistas alemanes el camino para impedir que los nazis llegaran al poder así como para fomentar un orden social más equitativo. (KROCH, 1977, p. 43)

Ernesto Kroch filiou-se ao movimento da terceira tendência, que se juntava aos partidos de esquerda em toda a Alemanha. Na sequência, filiou-se ao Partido Comunista de Oposição (KPO), lutando pela criação de uma

frente ampla anti-fascista. A partir daí, começaria a vida adulta e uma violenta virada em sua vida.

Resistência e exílio

No partido a que se filiou, Kroch atuou como jornalista e, sobretudo, como militante da classe operária, identidade que assumiu desde então e que não abandonaria jamais, só sendo sobrepujada pela identidade de exilado, como veremos a seguir.

Em dezembro de 1934 foi preso pela Gestapo devido à sua militância e condenado a uma pena de dois anos. Ficou detido, no entanto, apenas por nove meses, condicionando-se sua liberdade ao compromisso de deixar a Alemanha em dez dias. Por isto, teve de emigrar, primeiramente, para a Tchecoslováquia, onde um senhor de terras de uma pequena aldeia de nome Golenic havia colocado à disposição de jovens judeus um terreno para treinamento de atividades agrícolas. O que se pretendia era ensinar novas habilidades àqueles refugiados para então deslocá-los para a Palestina, onde trabalhariam nos Kibbutzim. Tal deslocamento demográfico foi o destino de vários amigos de Kroch, e, inclusive, o destino de seus dois irmãos, Susie e Heinz, o que parecia vincular a identidade étnica a uma região imaginada como judia, senão isso, pelo menos como segura.

Não era este o desejo de Kroch; apesar de ter ficado por algum tempo em Golenic,

preferia atividades urbanas como as que exercera na Alemanha; mas o mais importante era a sua oposição ao sionismo, visto por ele como de um “nacionalismo míope”. Por esta razão, Kroch e mais três amigos buscaram outra região de destino; “compraram” vistos falsos de um funcionário do consulado paraguaio e conseguiram obter dinheiro para as despesas de transporte com o auxílio da organização judia “Hicem”.² Em finais de 1938, deixou a Europa rumo a Montevidéu, Uruguai, país que ele denominaria como sua segunda pátria ou pátria no exílio.

Logo que chegou, começou a trabalhar como fabricante de caldeiras na firma “Julio Berkes”, onde permaneceu por 40 anos, com exceção do período em que se refugiou na Alemanha devido à perseguição do governo ditatorial uruguaio. Tão logo se acomodou à nova vida, ingressou no Partido Comunista do Uruguai e, concomitantemente, militava contra o nazismo, no Comitê Alemão Antifascista em conjunto com a Ação Antinazi do Uruguai.

Ações como estas não nos devem levar a crer que sua adaptação ao cotidiano de Montevidéu seria fácil. Embora Kroch não mencione, setores da direita uruguaia, brancos,

²Organização criada em 1927, cujo objetivo era ajudar judeus europeus emigrar. O HICEM foi formado com a fusão de três migrações judaicas associações: HIAS (Sociedade Hebraica de Ajuda aos Imigrantes), sediada em Nova Iorque; ICA (Jewish Colonization Association), que estava sediada em Paris, mas registrado como uma sociedade de caridade britânica; e Emigdirect, uma organização sediada em Berlim. O nome HICEM é um acrônimo de HIAS, ICA e Emigdirect. (http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft_Word_-_6368.pdf.) Pesquisa realizada em 12 de julho de 2019.

colorados, ultranacionalistas, anticomunistas, anti-liberais, oficiais do exército e membros da comunidade alemã se aproximaram da propaganda nazista. Segundo Bouret, criou-se, inclusive,

a Ação revisionista do Uruguai, (...) movimento político que apresentava muitas coincidências ideológicas com o nacional-socialismo, o fascismo italiano e o falangismo espanhol (...) Por seu antissemitismo, foi denunciado pelo Instituto Uruguaio de Investigação e luta contra o fascismo, o racismo e o antissemitismo (BOURET, 1977, p. 107).

No que se refere ao antissemitismo, além de acusações xenofóbicas de que os judeus emigrados eram vendedores ambulantes que não pagavam impostos, que não contribuíam ao progresso do país, associava-se também a suspeição de que eram comunistas. Logo, apesar de relativamente facilitada a entrada de refugiados no Uruguai, isto não se dava sem tensões e mesmo sem alguma oposição.

Com respeito a Kroch, até porque as adversidades na Europa eram muito mais intensas, adaptou-se gradativamente à cultura local, minimizando, provavelmente, os estranhamentos inerentes a um emigrante, provavelmente também por ter se aproximado de pessoas com filiação político-partidária semelhante à sua.

Em 1944, ele se casa com a uruguaia Coca, com quem teve dois filhos, Sonia Elly e Peter. Viviam uma vida modesta e, não raro, perturbada pelo trabalho excessivo do marido, que também se dedicava intensamente à

milîtância política. As diferenças culturais também devem ter gerado conflitos, como afirma o próprio autor da biografia. Mesmo assim, entre separações e reencontros, Coca ficou em sua vida até 1979, quando, vítima de câncer nos ossos, veio a falecer.

Com o advento da ditadura no Uruguai em 1973, suas atividades políticas se intensificaram, tanto quanto a de seu filho e nora. O filho acabou sendo preso, incriminado pelo tribunal militar por desobediência à Constituição, termo vago e impreciso; o que ocorreu, de fato, foi a perseguição por pertencer à juventude do Partido Comunista, o que até aquele momento não era proibido de sorte alguma. Mais grave ainda era a ausência de um julgamento, a indefinição da pena e as dificuldades de visitas, bem como de prestar qualquer auxílio ao jovem, o que deve ressoado em Kroch como uma segunda experiência com o arbítrio de governos despóticos.

Embora reservado e discreto ao narrar seus sentimentos, um dos momentos mais significativos da biografia diz respeito à visita que fez ao filho na prisão; suas palavras com respeito ao vidro que separava seu corpo do corpo do filho são muito comoventes; veio ao presídio para anunciar a morte de Coca e naquele momento, afirmou: “Me hubiera gustado acariciar su cabeza pelada, tomarlo en brazos. Yo, el, nosotros necesitábamos el contacto físico. Pero nos separaba la mampara de vidrios”(KROCH, 1977, p. 166).

Outro complicador para a família era o fato de terem seus membros atuado no

Instituto Cultural Uruguai-República Democrática Alemã, que ministrava cursos de alemão e realizava atividades culturais. Kroch foi fundador e coordenador da Casa Bertolt Brecht (desde 1964), sua esposa, secretária do instituto, e sua filha, professora de alemão.

Além desta identificação com uma instituição cultural de esquerda, mencionem-se os movimentos de resistência na fábrica. Os sindicalistas uruguaios jamais “aceitaram tornar-se amarelos” como afirmou Kroch, e ele não se furtava a participar das mobilizações. Por isto, passo a passo, sua estadia no país ia se tornando cada vez mais insegura.

Neste contexto, ele conheceu quem seria sua segunda esposa, Feva, com quem ficaria até o fim de sua vida. Era de nacionalidade alemã, mas já havia morado no Uruguai e trabalhava na Anistia Internacional. Na qualidade de funcionária desta organização não governamental. Ela soube da situação de Peter, o filho de Kroch, por causa de sua esposa, também militante; a moça havia se refugiado com o bebê, neto de Kroch, na Venezuela e de lá, pediu socorro à Anistia Internacional, para que seu marido fosse libertado. Por esta razão Feva se aproximou de Kroch, para ajudar o jovem Peter, e de fato ajudou, conseguindo-lhe a cidadania alemã por intermediação do cônsul alemão; o cônsul entrevistou também junto ao governo uruguaio para que o filho de Kroch obtivesse um julgamento com a determinação da pena, algo que não era nada garantido no sistema

repressivo da época. E tão logo seu filho foi posto em liberdade e decidiu-se migrar para a Venezuela, Kroch e Feva, prevendo que poderiam ser alvo da repressão do regime, remigraram para a Alemanha. Era 1981, e o autor da biografia, segundo ele mesmo afirmou, “não queria arriscar-se a outra Gestapo”(1977, p. 181).

Por três anos, o casal viveu sem sobressaltos na Alemanha. Ali, Kroch descobriu um novo talento: o de tradutor. Deu aulas de alemão para trabalhadores estrangeiros e traduziu peças teatrais e livros, além de publicar artigos em jornais, descortinando a realidade política do Uruguai para o público alemão. Publicou ainda os seguintes livros: “O dominó sul-americano”, “Los americanos del milagro y los otros”, “Ilusiones, frustraciones y esperanzas de la izquierda”, “El caminho a Sisikon”, “El desafío de la Globalización”, “Crónicas del Barrio Sur”. Merece destaque ainda o livro “Uruguai entre a Ditadura e a democracia”, referência importante em língua alemã sobre aquele país.

Com o retorno da normalidade institucional, o casal Kroch retorna ao Uruguai; ele volta a trabalhar na mesma fábrica de sempre até os setenta anos, prosseguindo ainda com a atividade de tradutor. Aquela seria sua pátria de adoção, a pátria do exílio. O lugar que, segundo ele, impediu que tivesse o mesmo destino de seus pais: a morte em campos de concentração.

Em 2004, redige suas memórias, livro primeiramente publicado em Frankfurt (*Exil in*

der Heimat – Heim ins Exil) e depois, no Uruguai (“Patria en el exilio, exilio en la pátria; recuerdos de Europa y Latinoamérica”).

Em 2017, recebe uma homenagem póstuma por sua atuação na Casa Bertolt Brecht.

O duplo exílio

Feitas estas breves considerações sobre a auto-biografia de Kroch, coloquemos agora em relevo sua experiência de duplo exílio, bem como o fato de ter sido atingido pela repressão política. Para tanto, levo em conta as palavras de Marcello Viñar, psicanalista e também exilado do Uruguai à época da ditadura. Segundo ele, o exílio nos retira da convivência daqueles a quem identificamos como familiar. Em face do exílio, propõe-se o desafio de se construir a partir da perda. E, no caso de Kroch, é preciso que se destaque, seus pais ficaram na Alemanha e morreram nos campos.

Trata-se de um luto de diversas dimensões, luto que leva, segundo Viñar, à nostalgia (1992, p. 112). Ela rasga o indivíduo em dois (o de antes e o de depois), impõe-lhe enfrentar a necessária adaptação sem que tenha abandonado de fato sua casa de origem (neste caso, o país, o idioma, os pais, o idioma, um povo nos campos de concentração onde restam os pais sem funeral). O segundo aspecto, “a dialética entre pessoa e personagem (VIÑAR, 1992, p. 113). Isto

porque o exílio rompe a harmonia de se estar no conforto e na uniformidade. Ao separar-se do seu lugar, a pessoa constrói um novo personagem, com o intuito de definir-se a si próprio e para o público. E, ainda, “o mito do retorno na experiência subjetiva do exílio” (VIÑAR, 1992, p. 114). Retornar, efetivamente ou no plano do imaginário, é voltar a ser o que se era, mesmo que se tenha interrompido sua história e mesmo que seus filhos ou cônjuge não sejam de seu lugar de origem ou que já pertençam a outra cultura. O sonho do retorno permanece e muitas vezes, é a partir dele que se desenham os projetos; é a partir dos projetos que a pessoa se sente só ao imaginar o futuro. Afinal, por que Coca, sua primeira esposa, uruguaia, que ademais, enfrentava a falta do marido por causa de sua militância, haveria de querer identificar-se com o passado do esposo? E seus filhos, que jamais tinham saído do Uruguai?

A trajetória de Kroch nos parece exemplar no que concerne à memória do exílio, tais como Viñar descreve. Em primeiro lugar, porque ela se revela numa autobiografia, na qual ele mesmo confessa querer ser algo a mais para a história do que um simples metalúrgico. Quer reconhecimento, quer explicar o antes e o depois, quer ser um personagem levado a sério.

Quanto ao luto por deixar a Alemanha, ele o apresenta como anterior à data de sua partida, quando foi preso no Campo de Concentração de Lichtenburg. Ali, os prisioneiros já estavam se transformando em estrangeiros, sem direitos, sem nomes. Eram

judeus, homossexuais, comunistas, com seus estigmas e punições arbitrárias. Os policiais faziam-lhes longos interrogatórios, impondo-lhes que flexionassem os joelhos sem no entanto deixar que os encostassem no chão. Faziam troças de seu sofrimento, sempre indagando o motivo de estarem ali.

Sobre estes dias de humilhações e tortura, ele afirma: “À lo más, éramos la consciencia de una nación ya totalmente desprovista de ella” (KROCH, 1977, p. 27).

Mais do que o arbítrio, era a imprevisibilidade que os assustava:

Nos recibieron con terribles insultos y amenazas, nos hacían correr de un lado a outro, hasta dejarnos sin aliento (...) Me metieron en un cuarto 4 x 4 metros, donde ya se encontraban acomodados ocho presos, es decir, nin siquiera dos metros cuadrados por persona. Um tercio de la superficie estaba cubierta por los tres camastros, cada uno de estes de tres pisos. No habia mesa. Solamente dos bancos en los que cabíamos los nueve bien apretados. Quedaba libre sólo un corredor muy estrecho. Tampoco había armario. Con que fin habría de haberlo? Lo que se tenía se llevaba puesto (KROCH, 1977, p. 72-73).

Portanto, ter deixado a Alemanha era para ele sinônimo de luto, sim, mas também de libertação. Libertação do cárcere, mas também do povo que ele assistiu aplaudir e venerar Hitler. No entanto, continuava a ser seu país que, pouco antes desta conjuntura, permitiu-lhe a experiência de uma juventude romanticamente solidária, fruto do convívio com os amigos e amigas do *Círculo Juvenil Os camaradas*, movimento que lhe ensinou a “vivir responsablemente, ser sincero con uno mismo y ante los otros, mantener el cuerpo y

la mente sanos: no fumar, no beber alcohol, relaciones sexuales claras, fundadas en el cariño mutuo... Esse debía ser el sendero hacia el “hombre nuevo” (KROCH, 1977, p. 34).

As caminhadas, encontros, conversas sobre o sentido da existência, conformaram suas atitudes na vida adulta; como operário, identificou-se com o marxismo e com a luta dos trabalhadores que, na República de Weimar, resultava em sucessivas vitórias. Tinha uma profissão, amigos, uma causa. De um golpe, esta Alemanha se desfez e seu exílio se iniciou.

Además, en mi caso, el alejamiento se había realizado poco a poco: prisión, campo de concentración, Yugoslavia y recién después Sudamérica. No había abandonado Alemania de la noche a la mañana. Se me había desterrado en etapas, aunque de un modo brutal. Así tuve tempo de adaptarme. Debido a mi juventud, tempranamente acostumbrado a los golpes del destino y a la privación, habiendo pasado por la escuela de los interrogatorios de la Gestapo y el infierno de Lichtenburg, llegué al Uruguai sin grandes pretensiones. Libre del peso del recuerdo del patrimonio perdido y sin ambiciones de conseguir riquezas materiales (KROCH, 1977, p. 92).

E quanto ao Uruguai, até porque trabalhador em uma fábrica, ele se aproxima bem mais de seus companheiros de labuta do que dos alemães ou judeus estabelecidos há mais tempo;

Lo que me resultaba nuevo era la mentalidad de la gente, la forma de vivir de los criollos, como se denominabam aqui los habitantes. Um estilo de vida más ligero, mas juguetón, quizás algo mássuperficial, pero igualmente racional, sereno y escéptico, lleno de calidez humana y simpatia. Esto creí encontrar em mis nuevos compañeros de trabajo. (KROCH, 1977, p. 93).

Se é fato que o exílio, segundo Said, (2003) pode acirrar o nacionalismo, levando a uma aproximação, mesmo no exterior, com as pessoas da mesma origem e idealizando a pátria que se perdeu, tal atitude parece ser inversa na pessoa de Kroch, Talvez, pelo internacionalismo característico das esquerdas, o termo nação sequer é citado, bem mais as pessoas ou a cultura. Ademais, seu vínculo à pátria de origem denotava quase sempre recordações de ressentimento, o que também se aplica à comunidade judaica que, segundo ele, não foi capaz de auxiliar seus pais a fugirem da perseguição nazista. Estranho nacionalismo às avessas: o Uruguai mais identificado como pátria, fosse lá o que se quisesse afirmar com isto.

Mas este lugar seguro também mudaria mais tarde, forçando-o ao “mito do retorno” de que nos fala Viñar. Aos 65 anos, de novo, o exílio se apresenta diante de sua vida: com a ditadura uruguaia, devido à sua militância de esquerda, necessita refugiar-se e a sua primeira pátria torna-se seu lugar de destino.

Recomenzar... una palabra vital. Llena de voluntad de vida y optimismo! Pero comenzar, qué? Es mi pátria, pero no se entra dos veces em el mismo río. Sería el retorno a un país distinto al que abandoné en otros tempos. Y esta vez no llegaría como visitante o turista, sino como “asilado”, buscando refugio allí, donde otrora fui expulsado (KROCH, 1977, p. 14).

Esta segunda experiência demonstra como foi marcante para ele o exílio, que resulta na vivência entre dois mundos, como ele mesmo dizia. Residiu na República

Federal da Alemanha e não na República Democrática Alemã, com quem havia mantido vínculos políticos e culturais a partir do Uruguai. Neste país, talvez por influência da esposa, conseguiu trabalho auxiliando refugiados uruguaio; aproveitou também para rever os velhos e fazer novos amigos e visitou seus irmãos em Israel, país que representava, para aqueles, a sua pátria, quiçá, uma pátria definitiva?

Sobretudo, aquela Alemanha representava um país reconciliado com a liberdade, algo que ele experimentara em sua juventude. Encontraria ali seu *habitus*, seu país outrora perdido? Afinal, a terra natal é o porto seguro de todos.

Isto pode ser assim para a maioria dos exilados, mas com respeito a Kroch, e provavelmente à maioria dos exilados pelo nacional-socialismo, fossem judeus ou não, qualquer anelo à pátria poderia sugerir símbolos de pertença a um país ou a um povo que os hostilizaram. Por isto, talvez, ainda que mencione sua ida para a Alemanha como retorno, ele não nos deixa entrever um sentimento de regresso, tampouco menciona a divisão do país, que foi um peso para todos os alemães; enfatiza apenas a oportunidade de rever seus amigos e o auxílio prestado aos latino-americanos.

E, logo que se anunciou a redemocratização do Uruguai, sua atenção se voltou para os atores políticos que assumiriam a realização das eleições de 1984; a atmosfera de renovo o impressionou, em suas palavras,

Sentí una profunda satisfacción ante el edificio embandeirado. Como lo siente alguien que descubre que no fue en vano haber entregado varios años de su vida a una causa (...) Al retornar a Frankfurt tenía mi decisión tomada: mi lugar estaba en Uruguay, mas allá de todo posible problema de identidad no resuelto (KROCH, 1977, p. 193).

Assim que, apesar da idade e da vida confortável que lhe proporcionava a rica cidade de Frankfurt, ele escolhe fixar-se no Uruguai, reinstalando-se na fábrica onde trabalhou, reintegrando-se à vida político-partidária, colaborando com a Casa Bertolt Brecht.

Para concluir, retomo as palavras de Marcello Viñar, para quem, o exílio, como trauma, carrega consigo a necessidade urgente de reconhecimento; é necessário definir-se para si e para um público, sem o lugar seguro que os valores e a identidade de origem lhe proporcionam. E um homem engajado como Kroch, quer sempre o espaço público, sua segunda morada, para manifestar-se em favor de uma causa, mas também e não menos importante, para projetar a sua subjetividade. Assim procedendo, dá sentido, quiçá, a sua identidade de exilado. Alguém que se lembra mas que também quer ser lembrado.

Referências

BOURET, D. et all. *Entre la matzà y el mate*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1977.

KROCH, Ernesto. *Patria en exilio, exilio en la patria*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1977.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIÑAR, M e VIÑAR, M. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.